

Collor vê manobra na previsão de Leônidas

O comitê do presidencial Collor de Mello acredita que as declarações do general Leônidas Pires, ministro do Exército, considerando irreversível sua candidatura, seja para desmobilizar a campanha. O general, que há um mês declarou que a candidatura Collor era emocional e passageira, mudou de opinião, mas segundo assessores de Collor isso não significa um início das conversas do candidato com a área militar. Segundo o comitê, Collor ainda não manteve nenhum contato neste setor. Quanto ao fato de o ministro Cardoso Alves, da Indústria e Comércio, também considerar que é certa a vitória de Collor, o comitê do presidencial assegura que não vai manter entendimentos para conseguir o apoio dos moderados do PMDB, recusados pelo vice da chapa de Ulysses, Waldir Pires.

Lula é o primeiro candidato à Presidência da República a fazer campanha na Baixada Fluminense. Apesar de Nova Iguaçu ser um dos principais redutos de Brizola, o candidato do PT conseguiu parar o centro de Belfort Roxo. O candidato do PCB, Roberto Freire, quer moratória já no governo Sarney, e declarada através das Nações Unidas, para transformar o problema dos países endividados em questão internacional.

Dossiê

Collor promete entregar ao ministro da Justiça, Oscar Corrêa, farto material de corrupção com-



provada no Governo Federal na próxima segunda-feira. Nada menos que quinze quilos de papéis, e garante que seu dossiê não está recheado com simples denúncias publicadas na imprensa.

“Ele não fará acusações vazias, afirma seu assessor de imprensa Cláudio Humberto”.

Como o confronto entre ele e o ministro surgiu de uma denúncia feita pelo líder do PDT na Câmara, Vivaldo Barbosa, é provável que Collor inclua acusações que envolvam tanto o Governo Federal como o seu principal adversário, Leonel Brizola e família, durante a sua administração no governo do Rio de Janeiro.

“Ele tem recebido muitas contribuições neste sentido”, garante Cláudio Humberto.

Mas o grosso das suas denúncias deve ser mesmo o vasto material colhido pela CPI que apurava casos de corrupção no Governo Federal. Ontem pela manhã, ele se reuniu longamente com o presidente desta CPI e hoje seu assessor, senador Carlos Chiarelli (PFL-RS).

Chiarelli e o candidato à vice do PRN, Itamar Franco, relator da CPI, são os que mais têm municiado Collor de denúncias.

Circulou ontem pelo seu comitê uma carta do vice da chapa de Ronaldo Caiado, candidato do PSD, o ex-presidente do Banco do Brasil, Camillo Calazans. A carta, que cobre Collor de elogios, está datada de 12 de julho, dois dias antes de Calazans assumir a candidatura de Caiado, mas só chegou às mãos de Collor três dias depois.

Esta carta é uma resposta a outra que Collor havia lhe enviado num jogo de bastidores que preparava a adesão de Calazans ao candidato do PRN. Depois de dividir com Collor as possíveis glórias que teve frente ao Banco do Brasil e Banco do Nordeste, Calazans termina sua carta “com justificado orgulho nordestino, a receptividade que expressiva parcela de opinião pública brasileira vem dando a sua pregação, demonstrando, assim, que nesse túnel escuro que está arastando o País ao caos e à desestabilização social, há de surgir luzes de esperança e de confiança num futuro mais promissor para o Brasil e seu povo”.